

## Reflexologia portátil

### Vida e Morte do objecto artístico

Alastair Macaulay perguntava no New York Times do passado dia 5 de Janeiro se o Ballet estaria a morrer. E respondia dizendo, “Claro, morreu muitas vezes.” Parto desta nota para convocar dois pontos:

- a vida e morte de certos objectos;
- o fenómeno da Fénix;

No que à vida e morte de certos objectos respeita: a apresentação, ao longo do século XX, da 9ª Sinfonia de Mahler, do Pássaro de Fogo de Stravinsky e Diaghilev ou da Antígona de Sófocles terá, nos públicos mais atentos, um papel de recorrência e densificação. Como construções modelares, são objectos que têm uma presença ao mesmo tempo metafísica e fisicamente recorrente. A fisicalidade recorrente destes objectos permite uma visita extraordinária (em cada nova apresentação, com outros ou mesmos criadores e intérpretes) – a da capacidade do próprio espectador na construção dos seus arquétipos ou/e no seu derrubar, numa tensão que será contínua: como represento a Antígona? O espectador na sua relação com estes objectos, talvez não queira “entrar” dentro do espectáculo – o problema do “espectador participante” ou mesmo do “espectador actor”. Porventura quer, simplesmente, exercer a contemplação e o que esta permite. Esta posição possível no contexto da relação entre espectador e objecto nas artes performativas terá a mesma forma de tensão, por exemplo, na contemplação das Meninas de Vélazquez ou de um edifício de Palladio? O exercício da contemplação e a revisitação são também aqui possíveis, mas não com a contribuição activa da criação e interpretação focalizada numa dada apresentação que existe nas artes performativas. Por isso direi que a vida do objecto artístico ou de certos objectos artísticos, nos termos da limitada caracterização que aqui fiz é representada pela vida do objecto na alma do espectador e pelo caminho que faz nessa alma, no seu crescimento, presença e tensão. Diferente da memória colectiva do objecto em causa, da sua referência pelo crítico, pelo historiador de arte. Claro que a representação por parte do espectador está contaminada e por vezes dominada ou mesmo cega pela visão do crítico e do historiador ou por uma qualquer forma de representação colectiva do objecto. Mas pior seria a tábua rasa do bruto, daquele que nada inscreveu em si (ou que não teve essa oportunidade) a possibilitar chaves interpretativas. Tocando os extremos, o espectador ideal confundir-se-à com o crítico ideal e o historiador ideal? E sobre a morte do objecto artístico: direi que corresponde ao seu esquecimento. A ausência do objecto não é necessariamente o seu esquecimento, pois há coisas ausentes que têm uma presença rara. Mas o seu esquecimento é por vezes irrevogável.

O fenómeno da Fénix: a Fénix é a afirmação da resiliência absoluta. Quem melhor demonstra a capacidade material de resistência à morte? Da cinza à vida e da vida à cinza temos o exercício da materialidade – não se trata da transacção entre o espírito e o corpo. O que aconteceu ao Ballet Gulbenkian? A morte, o esquecimento? Permite a situação reflectir sobre o papel das instituições transmissoras de objectos artísticos referenciais e do modo como são representadas, reconhecidas, validadas, suportadas e defendidas na sociedade portuguesa. Certamente coloca-se a questão paradoxal do elitismo e da democracia, no sentido da possibilidade de tornar comum o espectador ideal e por ele promover a presença recorrente do objecto artístico e a sua validação.